



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

**THEREZA CRISTINA LEANDRO DA SILVA QUEIROZ SANTOS**

**DO ÉDIPO AO HOJE: UMA ANÁLISE DAS (DES) CONSTRUÇÕES SEXUAIS  
DOS SUJEITOS NA ATUALIDADE**

CAMPINA GRANDE-PB

2011

THEREZA CRISTINA LEANDRO DA SILVA QUEIROZ SANTOS

DO ÉDIPO AO HOJE: UMA ANÁLISE DAS (DES) CONSTRUÇÕES SEXUAIS  
DOS SUJEITOS NA ATUALIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Graduação  
em Psicologia da Universidade Estadual  
da Paraíba em cumprimento à  
exigência, para obtenção do grau de  
Bacharel/ Licenciado em Psicologia.

Orientador: José Andrade Costa Filho

CAMPINA GRANDE- PB

2011

S237d Santos, Thereza Cristina Leandro da Silva Queiroz.

Do Édipo ao hoje [manuscrito]: uma análise das (des) construções sexuais dos sujeitos na atualidade / Thereza Cristina Leandro da Silva Queiroz Santos. – 2011.

26 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2011.

“Orientação: Prof. Me. José Andrade Costa Filho, Departamento de Psicologia”.

1. Psicologia sexual. 2. Sexualidade. 3. Psicanálise. 4. Identidade sexual. 5. Teoria queer. I. Título.

21. ed. CDD 155.3

THEREZA CRISTINA LEANDRO DA SILVA QUEIROZ SANTOS

DO ÉDIPO AO HOJE: UMA ANÁLISE DAS (DES) CONSTRUÇÕES SEXUAIS  
DOS SUJEITOS NA ATUALIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Graduação em  
Psicologia da Universidade Estadual da  
Paraíba em cumprimento à exigência, para  
obtenção do grau de Bacharel/ Licenciado  
em Psicologia.

Aprovada em 22/06/2011.



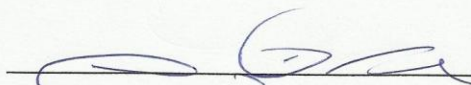
Prof. Ms. José Andrade Costa Filho/ UEPB

Orientador



Profª Drª Jailma Souto Oliveira da Silva/ UEPB

Examinadora



Prof. Ms. Jorge Dellane da Silva Brito/ UEPB

Examinador

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	06
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	08
2.1. Complexo de Édipo: processo de singularização dos sujeitos ...	10
2.2. Teoria <i>queer</i> : o lugar do não-nomeável .....	13
3. METODOLOGIA .....	16
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	17
4.1 Transitoriedade/liquidez da sexualidade .....	17
4.2 Angústia .....	20
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	23
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	25

## **DO ÉDIPO AO HOJE: uma análise das (des) construções sexuais dos sujeitos na atualidade**

SANTOS, Thereza Cristina Leandro da Silva Queiroz

**RESUMO:** Este artigo é resultado de uma pesquisa, cujo objetivo principal foi o de analisar a construção da sexualidade através discursos dos estudantes de Psicologia da Universidade Estadual de Campina Grande – PB. Optou-se por uma pesquisa qualitativa, por meio da qual foram obtidas sete entrevistas, as quais foram submetidas à análise de discurso. Nos relatos, predominam descrições em que os jovens fazem aparecer elementos da transitoriedade de suas vivências sexuais bem como das angústias oriundas desse processo. O referencial teórico que norteia esse artigo é fruto da discussão entre psicanálise e teoria *queer*.

**PALAVRAS-CHAVE:** sexualidade; transitoriedade; angústia; psicanálise; teoria *queer*.

**ABSTRACT:** This article is the result of a survey whose main purpose was to examine the construction of sexuality through discourses of psychology students at the State University of Campina Grande - PB. We chose a qualitative research, through which were obtained seven interviews, which were subjected to discourse analysis. The prevailing descriptions that young people do show evidence of the transience of their sexual experiences as well as the anguish from this process. The theoretical framework that guides this article is the result of discussion between psychoanalysis and queer theory.

**KEYWORDS:** sexuality; transience; anguish; psychoanalysis; queer theory.

## 1 INTRODUÇÃO

Existem alguns enigmas que instigam a humanidade a pesquisar, a falar sobre eles. Um deles é a sexualidade humana, pois por mais que se tenha abertura atualmente para discutir essa temática, ela ainda é algo inexaurível, tanto do ponto de vista das vivências como da ciência.

A sociedade de hoje não é a mesma de um século atrás, quando Freud e Foucault brilhantemente revolucionavam os discursos sobre o sexual. Existem outras demandas, outras leis que regem a estruturação dos sujeitos e, portanto, outras milhares de sexualidades. Tanto no que se refere às escolhas, como aos padrões de normalidade que norteiam as práticas sexuais.

Temos um processo de liberação que é fruto da revolução sexual, da invenção dos métodos contraceptivos, do movimento feminista e que atinge diretamente a estruturação do sujeito e seu discurso. Se antes tínhamos papéis sexuais bem definidos e regidos por uma lei que guiava a vida dos indivíduos, temos hoje papéis pouco definidos e laços frouxos, que permite aos sujeitos o trânsito pelas mais diversas experiências sexuais.

O presente trabalho se propõe a investigar o modo como os sujeitos vivenciam as mudanças sociais na constituição da sua sexualidade. Visto que tais transformações, muitas vezes, são atravessadas com sofrimento e a psicologia, precisa ampliar sua visão de sujeito e suas novas configurações. Para que possa, fundamentalmente, saber lidar com as demandas que surgem nos seus mais diversos âmbitos.

A importância do estudo também se orienta no sentido de buscar um melhor entendimento sobre o enigma da sexualidade e a partir daí ser um promotor do respeito as mais diversas orientações. Visto que, no Brasil, enfrentamos um período polêmico. Tanto no que se refere aos casos recentemente veiculados pela mídia de agressão a pessoas que fogem dos modelos de orientação socialmente naturalizados, os homossexuais, em sua maioria homens. Bem como, porque estamos próximos a ter uma nova e polêmica lei circulando no cenário nacional, o da criminalização da homofobia,

Projeto de Lei da Câmara nº 122/06, de autoria da então deputada Iara Bernardi.

Diante desse contexto, como forma de ilustrar essa proposta, entrevistamos sete pessoas, duas do sexo masculino e cinco do sexo feminino, estudantes do curso de psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, pertencentes as mais diversas orientações sexuais. Com o propósito de ouvir como os sujeitos contemporâneos, imersos nas mudanças citadas acima, vivenciam sua sexualidade, especificamente nas escolhas de objeto. E ainda, a partir dessa escuta, contrapor os referenciais teóricos da psicanálise, que toma a passagem pelo Complexo de Édipo como estruturante nesse aspecto, ao das novas teorias de gênero, em especial a teoria *queer*, que defende uma abolição de nomenclaturas de gênero e sexualidade.



## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A sexualidade, desde o do início da civilização, configurou-se como algo inquietante para os indivíduos. Tanto da ordem do que não é dito, quanto pelos instrumentos que surgem para seu controle.

É aqui onde reside o grande impacto da teoria freudiana, por se tratar de uma visão de homem que é sexual desde a infância. Pois até então se considerava a infância como uma fase da vida pura, e que, portanto, afastava qualquer hipótese de sexualidade. Nisso consiste a oposição de muitos a psicanálise, como diz Freud, no início dos Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade (1905, p. 126 – 127):

(...) sua insistência na importância da vida sexual para todas as realizações humanas e a ampliação (...) do conceito de sexualidade – tem constituído, desde sempre, o mais forte motivo para a resistência que se opõe à psicanálise.

Foucault, por sua vez, nos diz que o que existia na verdade não era uma proibição a se falar sobre a sexualidade. Pelo contrário, havia uma incitação de discursos sobre o sexo que acabaram por promover seu controle. Falava-se de sexualidade de uma maneira velada:

De tanto falar nele e descobri-lo reduzido, classificado e especificado, justamente lá onde o inseriram procurar-se-ia, no fundo, mascarar o sexo; discurso-tela, dispersão-esquiva. Pelo menos até Freud, o discurso sobre o sexo – o dos cientistas e dos teóricos – não teria feito mais do que ocultar continuamente o que dele se falava. (FOUCAULT, 1988, p. 53).

Sabemos que, socialmente, muita coisa mudou desde as teorizações de Freud e Foucault, no que se refere à vivência da sexualidade. A revolução sexual faz parte dessa crise, dessas mudanças, pois causa incômodo quando rompe com os pactos sociais invisíveis impostos ao longo da história. Caracterizando-se como um movimento contra-hegemônico. (ARÁN e CORRÊA, 2004).

Porém, falar que a atualidade está em crise, ou citar as mudanças que permeiam essa época ainda é algo muito vago. Entendemos que faz-se necessário uma nomeação do momento em que vivemos, uma localização no tempo. Alguns autores nos dão uma idéia sobre o contexto contemporâneo. Um deles é o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2007), que cunhou o conceito sociedade “Líquido Moderna”:

“Líquido-moderna” é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. (...) A vida líquida, assim como a sociedade líquido-moderna, não pode manter a forma ou permanecer em seu curso por muito tempo. (p. 7).

Tais mudanças implicam uma abdicação do sujeito, na maioria das vezes, da sua própria estruturação em detrimento de uma busca desenfreada por acompanhar as transformações sociais. A estabilidade não faz parte do vocabulário dessa sociedade, nem tampouco a idéia de uma sexualidade rígida, que guie as escolhas de parceiro durante a existência dos indivíduos líquido-modernos.

Pensar o eterno, ou qualquer tipo de conceito que denote estagnação, não faz parte da liquidez que atinge as diversas áreas da sociedade contemporânea:

Diferentemente da era precedente da modernidade “sólida”, que vivia para a “eternidade” (termo taquigráfico para um estado de eterna, monótona e irrevogável mesmice), a modernidade líquida não estabelece objetivos nem traça uma linha terminal. Mais precisamente só atribui a qualidade da permanência ao estado de transitoriedade. (BAUMAN, 2007, p. 88).

A psicanálise traduz essas mudanças sociais como o declínio da função paterna, principalmente nas teorizações de Jacques Lacan. Pois parte-se do pressuposto de que a interdição é realizada por uma Lei, que é dada pelo pai simbólico e que já não vigora mais como outrora. E que isso tem consequência para os sujeitos, como já previa Lacan (1984, p. 60): “(...) um grande número

de efeitos psicológicos nos parecem depender de um declínio social da imago paterna.”

Assim, essas idéias latentes de transitoriedade e liquidez acabam permeando os discursos e práticas dos sujeitos, bem como suas vivências sexuais. E a sexualidade, mesmo nesse contexto, ainda se configura, como algo que inquieta os indivíduos, quer seja por não saber lidar com ela, quer seja por sua exacerbada liberação.

## **2.1 Complexo de Édipo: processo de singularização dos sujeitos**

Freud se utiliza do mito de Édipo, interpretado a partir da peça Édipo-Rei, de Sófocles, para criar um conceito universal com o intuito de explicar a constituição sexual de cada indivíduo. Como nos diz o vocabulário de psicanálise, o Complexo de Édipo é o:

Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei: desejo de morte do rival que é personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob sua forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade, essas duas formas encontram-se em graus diversos na chamada forma completa do complexo de Édipo. (LAPLANCHE e PONTALIS, 1992, p. 77).

A passagem pelo Complexo de Édipo não é apenas responsável pela estruturação dos sujeitos em psicóticos, neuróticos ou perversos, ou ainda da formação do superego e do ideal de ego. Mas é um processo que também orienta os sujeitos na escolha dos seus objetos de amor.

Para Freud, as escolhas objetais ocorrem na infância, através do processo de identificação com os primeiros objetos de amor, os pais. Tais experiências são atualizadas na vida dos sujeitos, como nos diz Freud (1923, p. 157), no artigo sobre a organização genital infantil:

(...) a escolha de um objeto, tal como mostramos ser característica da fase puberal do desenvolvimento, já foi freqüente ou habitualmente feita durante os anos da infância: isto é, a totalidade das correntes

sexuais passou a ser dirigida para uma única pessoa em relação a qual elas buscam alcançar seus objetivos.

Essa escolha é então feita em dois tempos, o primeiro é entre os três e cinco anos, interrompido pelo período de latência. E o segundo ressurgue com o início da puberdade. Assim, segundo Freud, nos Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade, “A escolha de objeto da época da puberdade tem de reiniciar aos objetos infantis e recomeçar como uma corrente sensual.” (1905, p. 189). O primeiro objeto de amor em todos os sujeitos é a mãe, e em segundo o pai.

Ainda nos Três Ensaio, Freud defende a bissexualidade como algo constitucional dos indivíduos: “Desde que me familiarizei com a noção de bissexualidade, passei a considerá-la como o fator decisivo e penso que, sem levá-la em conta, dificilmente se poderá chegar a uma compreensão das manifestações sexuais efetivamente no homem e na mulher.” (FREUD, 1905, p. 208).

Essa bissexualidade pode ser percebida na alternância de objetos de amor infantis, ora a mãe da criança, ora o pai. Variação que influenciará as escolhas futuras, pois “O encontro do objeto é, na verdade, um reencontro.” (FREUD, 1905, p. 210). Assim, não há, necessariamente, uma ligação biológica entre o sexo e a escolha de objeto. Desse modo, podemos pensar a maneira como os indivíduos, a partir da sua travessia pelo Édipo, orientam-se para alguns objetos específicos e enquadram-se em algumas categorias como heterossexual e homossexual.

No caso do heterossexual masculino, a passagem pelo Édipo seria o amor inicial pela mãe que é interdito peça ameaça de castração. Levando o menino a uma renúncia do seu objeto de amor e uma identificação com o pai, que resulta num período de latência. Como nos diz Freud, no artigo sobre a dissolução do Édipo:

(...) todo o processo, por um lado, preservou o órgão genital – afastou o perigo de sua perda – e, por outro, paralisou-o – removeu sua função. Esse processo introduz o período de latência, que agora interrompe o desenvolvimento sexual da criança. (FREUD, 1924, P. 196).

Já com a menina (no caso da heterossexualidade), há um processo de inversão do objeto de amor, que inicialmente é a mãe. E diferentemente do menino, onde a castração encerra o Complexo, esta precede o mesmo. Visto que a menina é castrada no real do seu corpo.

A fase pré-edipiana é de extrema importância na estruturação da mulher e no entendimento da sua feminilidade:

A fase de ligação afetuosa pré-edipiana, contudo, é decisiva para o futuro de uma mulher: durante essa fase são feitos os preparativos para a aquisição das características com que mais tarde exercerá seu papel na função sexual e realizará suas inestimáveis tarefas sociais. (FREUD, 1932/33, P. 133).

Diante da castração a menina apresenta três formas possíveis de desenvolvimento: a neurose ou inibição sexual, o desenvolvimento de um “complexo de masculinidade” ou a feminilidade normal (ligada à idéia de passividade). (FREUD, 1932/33).

No caso da lesbianidade (Freud usa a terminologia homossexualismo feminino), a menina toma o pai como objeto de amor no Complexo de Édipo e depois abandona esse objeto por desapontamento, retornando a uma masculinidade anterior (referida a idéia de atividade). (FREUD, 1932/33). Sendo a lesbianidade uma decepção com o masculino, entende-se a identificação da menina com o pai (função paterna), porque este se coloca como obstáculo ao seu desejo (a mãe).

No homossexual masculino a passagem pelo Édipo é acentuadamente narcísica, resultando numa escolha de parceiro, após o período de latência, de acordo com a escolha da mãe por ele:

(...) pessoas (...) tais como perversos e homossexuais, que em sua escolha ulterior dos objetos amorosos adotaram como modelo não sua mãe mas seus próprios eus. Procuram inequivocamente a si mesmas como um objeto amoroso, e exibem um tipo de escolha objetal que deve ser denominado “narcisista”. (FREUD, 1914, P. 104)

Pensar a questão da identificação sexual dessa forma, talvez nos pareça um tanto arcaico. Mas esse questionamento desmorona se entendermos a

passagem pelo Édipo como um conceito ligado ao social, como nos diz Lacan , no texto sobre os Complexo Familiares na formação do indivíduo:

(...) isso não quer dizer que ele se funde fora da relatividade sociológica. A força mais decisiva de seus efeitos psíquicos se deve ao fato de que, com efeito, a imago do pai concentra a função de repressão com a de sublimação; mas este é o resultado de uma determinação social, a da família paternalista. (LACAN, 1984, p. 54-55)

Sendo assim, tais modelos de identificação e escolha de objeto sexual estariam presentes nos moldes clássicos propostos inicialmente por Freud. Baseados numa idéia nuclear do Édipo e inspirados na família paternalista.

## **2.2 Teoria *queer*: o lugar do não-nomeável**

Se por um lado a psicanálise aborda as identificações dos sujeitos ligadas a um lugar próprio, nomeado, a teoria *queer* propõe um lugar sem nome para os mesmos. Essa teoria surgiu nos Estados Unidos, no final da década de 80 e corresponde a vários estudos ligados a ativistas e pesquisadores. Guacira Lopes Louro, uma teórica *queer* no Brasil, se propõe a estudar a teoria aplicada à educação. Ela nos diz que “*Queer* pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais.” (LOURO, 2004, p. 38). Por isso a escolha do termo, como uma forma de abolir seu caráter pejorativo.

Não podemos deixar de citar a grande influência foucaultiana na teoria *queer*, denunciando os instrumentos de controle da sexualidade dos indivíduos, que não se restringiam a simples repressão, mas havia toda uma tecnologia para criar a norma e reduzir e patologizar as sexualidades desviantes:

Trata-se, antes de mais nada, do tipo de poder que exerceu sobre o corpo e o sexo, um poder que, justamente, não tem a forma da lei nem os efeitos da interdição: ao contrário, que procede mediante a redução das sexualidade singulares. (FOUCAULT, 1988, p. 47)

A teoria *queer* critica as normas vigentes, no que se refere aos processos de identificação e orientação da sexualidade, que obrigam os sujeitos a seguir um modelo heterossexual. E defende a idéia de que tais elementos só podem ser pensados dentro do movimento histórico-cultural:

O ato de nomear o corpo acontece no interior da lógica que supõe o sexo como um “dado” anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário. Tal lógica implica que esse “dado” sexo vai determinar o gênero e induzir a uma única forma de desejo. (...) A afirmação “é um menino” ou “é uma menina” inaugura um processo de masculinização ou de feminização com o qual o sujeito se compromete. (LOURO, 2004, p. 15)

Pensar *queer* é acima de tudo uma posição política não-normativa e não assimilacionista, que difere do movimento homossexual dominante, que luta por aceitação de suas classes. Desse modo, o movimento *queer* busca abolir decisivamente as classificações. Tais como os binarismos (homem/mulher, hetero/homossexual), o queer está na fronteira e é capaz de transitar por diversos lugares. Louro (2004, p. 24) compara os sujeitos modernos como viajantes, onde:

Seu lugar transitório nem sempre é confortável. Mas esse pode ser também, em alguma medida, um lugar privilegiado que lhe permite ver (e incita os outros a ver), de modo inédito, arranjos, práticas e destinos sociais aparentemente universais, estáveis e indiscutíveis. Não se trata, pois, de tomar sua figura como exemplo ou modelo, mas de entendê-la como desestabilizadora de certezas e provocadora de novas percepções.

Assim, na norma vigente, como nos diz Judith Butler, uma das mais importantes teóricas queer, a linguagem funda os corpos reafirmando os modelos de heterossexualidade, mas que acabam dando espaço para que corpos distintos a esses surjam. E tais transgressões são indispensáveis, pois se opõem aos modelos implícitos e “(...) fornecem ‘o exterior’ para os corpos que ‘materializam a norma’, os corpos que efetivamente ‘importam’” (BUTLER *apud* LOURO, 2004, p. 44-45).

Judith Butler critica a psicanálise, por entender que ela é mais um instrumento de reiteração das normas sociais, através dos modelos nucleares

de Complexo de Édipo e castração, e da primazia do masculino. Bem como propõe um afrouxamento da relação entre surgimento do sexo e escolha do objeto sexual. (ÁRAN e JÚNIOR, 2007)

Foucault afirma que há um conformismo de Freud, pois entende que a psicanálise tem uma função normalizadora. E que uma liberação sexual só pode ocorrer mediante uma transformação política, pois “não se pode esperar tais efeitos de uma simples prática médica nem de um discurso teórico, por mais rigoroso que seja.” (FOUCAULT, 1988, p. 11)

Portanto, a teoria queer atende a esse apelo de Foucault, politizando o terreno da sexualidade e propondo um novo pensamento, uma nova classificação para o sexual, que na verdade seria uma negação das classificações.

Porém, não podemos deixar de levar em consideração que psicanálise e teoria *queer* afastam o desejo do puramente biológico. Mas, de um lado, para o *queer* a sexualidade é simplesmente uma construção cultural, e de outro, a psicanálise, além do social, considera que o sujeito precisa simbolizar suas experiências. Onde muito mais além do aquilo que é dito, o sujeito absorve os não ditos, e é nessa brecha que o sujeito encontra elementos para transgredir as normas.

Desta forma, nos questionamos se o sujeito contemporâneo teria subsídios psíquicos para suportar estar totalmente livre de categorizações, de nomeações. Sabemos que o sujeito precisa ser confrontado com a diferença sexual, como pensar um sujeito que não distingue o masculino e o feminino, por exemplo? Se rotular é uma questão delicada, como pensar o lugar que não pode ser nomeado?



### 3 METOLOGIA

Optamos por trabalhar com uma metodologia de cunho qualitativo, utilizando o instrumento da entrevista semi-estruturada. O recurso qualitativo nos permite compreender o universo da vivência da sexualidade, visto que dá ao sujeito direito de falar sobre suas experiências, subjetivando-as. A pesquisa qualitativa vai além da quantificação, compreendendo, explicando, bem como trabalhando “[...] com a vivência, com a experiência, com a cotidianidade [...]” (MINAYO, 1994, p. 24).

Seguindo os preceitos estabelecidos pela Resolução nº 196/96 CNS, este estudo foi devidamente registrado no SISNEP (CAAE: 0200.0.133.000-11) e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba.

O grupo estudado contemplou sete jovens, com variação de idade entre 21 e 26 anos, sendo dois do sexo masculino e cinco do sexo feminino, estudantes do curso de Psicologia, da Universidade Estadual da Paraíba. O número de entrevistados foi delimitado pelos critérios de acessibilidade e ponto de saturação (BERTAUX, 1980 *apud* LANG, CAMPOS E DEMARTINI, 2001). A escolha dos entrevistados se deu na crença de que os estudantes de psicologia possuem maior acesso a temática da sexualidade no seu currículo, ou pelo menos deveriam ter, o que pode facilitar o discurso dos mesmos. O ponto de saturação foi atingido com análise paralela ao processo de pesquisa onde entrevistamos pelo menos uma pessoa de cada categoria sexual.

As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra, e os dados foram avaliados através da análise de conteúdo, que segundo Mynayo (1994) proporciona descobrir aquilo que está por trás do conteúdo que foi manifesto, transcendendo as aparências. Os elementos observados foram considerados em unidades de registro, onde “Essas unidades se referem aos elementos obtidos através da decomposição do conjunto da mensagem.” (MINAYO, 1994, p.75).

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Buscando analisar as vivências sexuais através do que estava latente ou manifesto nos discursos dos sujeitos, através de perguntas como: a categoria sexual em que o sujeito se enquadra (hetero/homo/bissexual ou outra categoria), a preferência de gênero para relacionar-se, a possibilidade de extinção das categorias sexuais, bem como os sentimentos oriundos do processo de transitar e a liberdade para vivenciar a sexualidade; deparamos-nos com as vivências sexuais tanto ligadas ao imperativo do transitório, da liquidez, como também as angústias provenientes dessas experiências.

### 4.1 Transitoriedade/liquidez da sexualidade

Tomando como ponto de partida os recortes abaixo, constatamos que a ideologia da sociedade líquido-moderna permeia o campo da sexualidade. Onde apenas dois dos entrevistados disseram não ter mudado de orientação, se enquadrando em heterossexuais. Cinco entrevistados já se enquadraram em outra categoria anteriormente, e seis já tiveram algum tipo de dúvida.

A dúvida aparece na fala de Maria, que nunca teve nenhuma experiência fora do campo da heterossexualidade:

(...) teve um tempo até que eu pensei: Meu Deus, será que eu sou lésbica? Mas eu não era não, era porque eu namorava um gay, eu descobri que ele era gay, sabe? Só aparecia gay na minha frente, mas eu já superei isso. Aiai... (Maria, 23 anos sexo feminino, heterossexual)

Outro indicativo de que a heteronormatividade não vigora como outrora aparece no discurso de João, que também nunca se relacionou com pessoas do mesmo sexo, mas mesmo assim não se nomeia como heterossexual:

Eu não gosto de rótulos. (...) Quando eu era mais novo eu era disso: sou heterossexual. Mas eu acho que hoje isso não interfere não. Por exemplo, ah, eu sou homossexual, sou heterossexual, sou bissexual, enfim... (João, 21 anos, sexo masculino, não gosta de rótulos)

O transitório surge, como preconiza as teorizações *queer*, garantindo, pelo menos ao nível da fala um lugar de viajante para o sujeito, de poder

circular pelas diversas orientações: “Eu estou numa fase de transição, acho que eu me considero bi, mas eu acho que rotular está sendo demais pro meu caso, prefiro não me taxar de nada. (...)” (Paula, 26 anos, sexo feminino, bissexual)

Há uma lógica da instabilidade e incerteza que surge das vivências de Aparecida, que se nomeia como heterossexual hoje, mas que já se considerou bissexual. Quando questionada sobre o que a fez mudar, ela responde: “Na verdade eu não sei, porque eu acho que não sei se era companhia, ou se é porque eu tava curtindo, gostava, ou, num sei explicar, idade...”. Ainda perguntamos se ela achava possível que essa categoria mudasse no futuro e a resposta foi: “Não sei, quem sabe? Talvez... É tudo tão fluído que...” (Aparecida, 22 anos, heterossexual)

Nesses dois fragmentos abaixo vemos uma mudança de categoria que permeia as possibilidades e vivências experimentadas:

Hã... Eu acho que ficaria em bi. (...) Eu me enquadrava mais em hetero, mas (...) fui conhecendo outras vivências, fui conhecendo outras pessoas, freqüentando outros lugares e fui descobrindo outros gostos também. (Márcio, 22 anos, bissexual)

Eu já tive esperança de ser bissexual, eu achava que era na adolescência. (Carla, 23 anos, homossexual)

Seis dos entrevistados também acreditam na possibilidade de extinção de nomenclaturas, de maneira que os sujeitos transitariam por suas sexualidades sem necessidade de serem nomeados: “É... eu acho que a categoria homem/mulher tem que existir, agora enquanto a questão do desejo pelo outro sexo ou pelo mesmo sexo aí é a critério de cada um.” (João, 21 anos, sexo masculino).

Paula defende o que é muito corrente na fala dos jovens atuais, que é a questão do interesse por “pessoas” independente do gênero que pertençam:

Qualquer gênero, pra mim o que importa é que a pessoa seja interessante. (...) em termos de gênero e sexualidade eu acho que a pessoa não se deve taxar, dizer ah eu sou hetero, ou eu sou bi, ou eu sou homo. Eu acho que isso é mais uma questão preconceituosa, em

termos de afetividade eu acho que isso não deveria ser taxado.  
(Paula, 26 anos, sexo feminino, bissexual)

Márcio corrobora com o discurso de Paula, e acha que ainda há uma evolução a ser conquistada nesse sentido: “Eu acho que a tendência da evolução sexual é isso. Daqui pra frente a gente parar de se classificar em rótulos ou em categorias. Passar a ser apenas pessoas.” (Márcio, 22 anos, bissexual)

Já Bethânia, mesmo tendo uma postura convicta com relação a sua orientação, acha que muito já mudou com relação as categorizações sexuais:

(...) você tira pelos adolescentes hoje em dia, os meninos, as crianças já tão chegando na adolescência com isso mais evidente. Essa questão de não separar essa sexualidade ou se é hetero, ou se é homo. As pessoas estão mais abertas pra isso, então eu acho que vai chegar um momento que vai se, acabar se misturando isso, se excluir as categorias. (Bethânia, 26 anos, sexo feminino, heterossexual)

A questão das classificações aparece para Carla como uma forma de controle social, onde o sujeito que transita ainda é visto de forma estranha:

Eu acho que essa história de categoria é complicado. Acho se não existisse seria mais fácil da gente viver a sexualidade. Porque pode sim, da mesma forma que eu não sei porque gosto de mulher, eu posso algum dia gostar de um homem e não saber porquê. (Carla, 23 anos, homossexual)

A idéia de líquido, transitório, permeia todos os discursos acima, como também a relação com a outra pessoa é vista como uma mercadoria, como algo que possa me oferecer prazer. Da mesma forma como Bauman teoriza, na sua obra Amor Líquido:

a parceria segue o padrão de shopping e não exige mais que as habilidades de um consumidor médio, moderadamente experiente. Tal como outros bens de consumo, ela deve ser consumida instantaneamente (não requer treinamentos nem uma preparação prolongada) e usada uma só vez, “sem preconceito”. É antes de mais nada, eminentemente descartável. (BAUMAN, 2004, p. 27).

Essa vertente de pensamento está presente no discurso de Márcio, que diz se interessar por uma pessoa pelo que ela pode lhe oferecer:

pra mim eu to tranqüilo, eu faço o que eu gosto de fazer e quando encontro uma pessoa que gosta também de fazer o que eu gosto (...) Mas eu acho que você goste pela pessoa, pelo que ela pode lhe oferecer. Por aquele desejo que ela vai instigar em você, que ela vai excitar em você. (Márcio, 22 anos, bissexual)

Entretanto, percebemos que o transitório aparece no discurso da maioria dos entrevistados, mesmo daqueles que se enquadram nos padrões heterossexuais e que estariam inseridos dentro da norma vigente, “naturalizada”.

#### 4.2 Angústia

A liberdade e a liquidez apregoadas nos discursos não garantem um lugar sem angústia para os sujeitos, até mesmo porque a sexualidade sempre foi vivenciada como algo enigmático. A angústia tanto é oriunda do trânsito pelas orientações sexuais como pelo incômodo com o social e suas cobranças e normas. Mesmo sabendo que não temos atualmente valores tão rígidos como outrora.

Paula, mesmo defendendo a idéia de se relacionar com pessoas independentemente do gênero, diz que nesse transitar já sentiu muita angústia, quando questionada com relação a que, ela diz: “Em termos de sentimento, em termo sexual, termos de amizade, né? Eu diria mais frustrações.” (Paula, 26 anos, sexo feminino, bissexual)

Ainda identificamos esse outro recorte, onde o entrevistado deixa escapar que não sente “muita” angústia, quando questionado se podia sentir-se angustiado no transitar das relações: “Eu acho que pode. Mas no meu caso nunca causou **muito**, porque eu sei o que eu gosto, eu não sou **muito** preocupado quanto a isso.” (Márcio, 22 anos, bissexual) (grifo nosso)

Percebemos que mesmo que as teorizações discutam a questão da liquidez e falta de leis rígidas que orientem o sujeito, há uma preocupação em responder as expectativas sociais:

É aquela história, né? É... a gente meio que tá preso a expectativa do outro, ou seja, eu tenho que ser homem porque a sociedade exige que eu dê uma resposta. Sociedade, pai, mãe, escola, amigos, enfim, qualquer um. Então, enquanto ficar preso nessa expectativa a dita escolha sexual ela é um problema. Agora quanto você não tá, entre aspas, preso nessa expectativa, isso não interfere não. (João, 21 anos, sexo masculino, não gosta de rótulos)

O social aparece ainda como uma forma de controle, que gera medo nas pessoas, mesmo elas não deixando de vivenciar sua sexualidade:

É, assim, a sociedade, né? Que muita gente não faz muita coisa porque tem medo, mas também rola muita coisa as escondidas. Então, acho que talvez não porque a sociedade fale que é proibido, e que não pode, as pessoas não deixam de fazer, só que é coisa velada. (Aparecida, 22 anos, heterossexual)

Ou, no caso desse outro sujeito, que quando indagado sobre a liberdade para vivenciar sua sexualidade, ele condiciona a mesma ao meio social onde reside:

Eu me considero sim. Aqui sim, talvez se eu voltasse pra minha cidade, não. Porque lá tem, lá como a cidade pequena é muito policiada, vigiada digamos assim. Aqui eu consigo conhecer pessoas e ninguém me conhece, então é um pouco mais simples. (Márcio, 22 anos, bissexual)

Já, para essa entrevistada, a questão seria a de ser taxada de indecisa, caso não optasse por se enquadrar em uma categoria:

(...) eu já assumi uma identidade homossexual. Então, seu eu sentir interesse por um homem, eu vou tomar todo um cuidado do mundo pra ficar com ele, não ficar na frente de ninguém, pra ninguém saber (...) aí fica aquela pressão de eu ter que saber que categoria eu sou pra não ser taxada de mal resolvida. (Carla, 23 anos, homossexual)

Contudo, o sujeito, mesmo resguardado pelos discursos libertadores das teorias de gênero e da sociedade atual não é imune a angústia oriunda do sexual. Não vamos nos deter aqui sobre as teorizações sobre a angústia, que

são inúmeras, mas precisamos entender como nos diz Laplanche “Qual é a origem dessa angústia? (...) O fundamento da resposta é evidente para Freud (...) essa etiologia é sexual.” (LAPLANCHE, 1993, p. 22)

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os discursos se movimentam no sentido de fazer aparecer à fluidez das relações e das vivências sexuais, mas também de manifestar algo paralelo a isso: a angústia gerada por esse trânsito. Faz-nos pensar também que os sujeitos, mesmo diante de outro modelo de sociedade, menos rígida, ainda necessitam responder as normas sociais e temem a marginalização.

Mudanças essas que numa perspectiva sociológica entende-se pelas nuances da modernidade líquida, da fluidez que atinge os mais diversos segmentos. Que a psicanálise, por sua vez, entende como declínio do pai simbólico, daquilo que instaura a Lei.

Porém o que percebemos é que não se trata de defender que o pai, a lei, a norma, não existem mais, pois se isso de fato procedesse, os sujeitos não teriam pudores, temores. Como no caso de um dos entrevistados, que após me conceder a entrevista se assegurou de que eu não ia deixar ninguém, além de mim, transcrevê-la. O que contradiz o discurso dele que se considera livre para vivenciar a sexualidade.

Podemos pensar que há uma pluralização, uma pulverização do poder, da lei, do pai. Descentralização que faz surgir às teorizações *queer* e um desejo de abolição da norma. Idéias que em outro momento de nossa história seriam fortemente reprimidas, rechaçadas.

Entendemos que a movimentação da teoria *queer* não seja é válida, útil, no sentido que faz pensar a singularidade dos sujeitos. Promovendo uma construção sexual além do biológico. E nesse ponto há uma intersecção com a psicanálise. Porém a grande diferença reside no fato de que para a teoria *queer* o constructo sexual é um ato voluntário, o que se configura para a psicanálise com um processo inconsciente.

Alguns psicanalistas distanciam-se um pouco do freudismo, propondo um lugar mais crítico-discursivo para a psicanálise, de analista cartógrafo: “O que o psicanalista cartógrafo da atualidade toma de empréstimo a Freud não é



necessariamente seu repertório, mas seu método cartográfico de escuta das subjetivações que pedem passagem.” (NERI, 2005, p. 267)

Como nos diz Roudinesco, há um deslocamento da sociedade edipiana para a narcisista:

Se Édipo fora para Freud o herói conflituoso de um poder patriarcal decadente, Narciso agora encarnava agora o mito de uma humanidade sem interdito, fascinada pelo poder de sua imagem: um verdadeiro desespero identitário. (ROUDINESCO, 2003, p. 160)

E aí a psicanálise precisa escutar as mudanças do social entendendo que há uma (des) construção no sentido de que os processos de identificação e escolha objetal não se desenrolam nos moldes clássicos.

Como nos diz Forbes:

O “Complexo de Édipo” pode ser entendido como um software que Freud inventou para conectar o homem ao mundo. Este software, muito mais estável que os atuais de Bill Gates, funcionou por 100 anos, convenceu-nos que o mundo era mesmo edípico. Realizamos, no momento, uma análise além do Édipo. Na sociedade globalizada, a estruturação dos laços sociais não se dá da mesma forma que anteriormente. Surgem novas soluções e novos problemas. (FORBES, 2009, p. 01)

Assim, a demanda atual nos leva a crer que cada sujeito precisa inventar seu próprio Édipo e se haver com a angústia oriunda desse processo. Isso não implica dizer que a psicanálise deseja salvar a ordem simbólica paternalista, como afirma Áran e Corrêa (2004). Não se trata disso, mas de considerar a sexualidade como uma construção inconsciente, afastando-a do campo de uma simples opção.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁRAN, Márcia; CORRÊA, Marilena V. **Sexualidade e política na cultura contemporânea**: o reconhecimento social e jurídico do casal. PHISIS – Revista Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, p. 274-305, 2004.

ARAN, Márcia; PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. **Subversões do desejo**: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. Cad. Pagu, Campinas, n. 28, jun. 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-8332007000100007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-8332007000100007&script=sci_arttext). Acesso em 10 jun. 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade das relações humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

FORBES, Jorge. **Provocações psicanalíticas I**: As possibilidades da psicanálise. Jul. 2009. Disponível em: <http://www.jorgeforbes.com.br/br/avesso-do-avesso/provocacoes-psicanaliticas-1-1.html>. Acesso em: 14 jun. 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: Vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988, 12 ed.

FREUD, Sigmund (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, vol. VII, 2006.

FREUD, Sigmund (1914). **Sobre o narcisismo**: uma introdução. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIV.

FREUD, Sigmund (1923). **A organização genital infantil**: uma interpolação na teoria da sexualidade. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIX.

FREUD, Sigmund (1924). **A dissolução do Complexo de Édipo**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XIX.

FREUD, Sigmund (1932/33). **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise: Feminilidade**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XXII.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. Ensaio sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LACAN, Jacques (1984). **Os Complexos Familiares na Formação do Indivíduo**: ensaio de análise de uma função em psicologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

LANG, A. B. S. G., CAMPOS, M. C. S. S., & DEMARTINI, Z. B. S. **História oral e pesquisa sociológica**: a experiência do CERU. São Paulo: Humanitas, 2001.

LAPLANCHE, Jean e PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LAPLANCHE, Jean. **Problemáticas I: a angústia**. São Paulo: Martins Fontes, 1993, 2 ed.

MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994, 4 ed.

NERI, Regina. **A psicanálise e o feminino**: um horizonte da modernidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.